

## **EUCARISTIA: PRESENÇA REAL ESPIRITUAL OU UM MEMORIAL? UMA BREVE ANÁLISE TEOLÓGICA DA CEIA DO SENHOR**

Antonio Douglas Medeiro<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este artigo propõe apresentar de maneira breve, uma análise de duas interpretações da Eucaristia, a memorialista e a presença real espiritual de Jesus na Ceia. A Memorialista teve seu principal defensor Ulrich Zwingli, teólogo reformador. A presença real espiritual teve João Calvino como seu precursor. O método mais praticado no Brasil é o memorialista, porém, as igrejas de tradição reformada usam a interpretação calvinista.

**PALAVRAS-CHAVES:** Eucaristia. Ceia.

### **INTRODUÇÃO**

Por muito tempo, durante toda a história do cristianismo, a Ceia do Senhor tem sido debatida por vários teólogos de diferentes visões. Entretanto, isso parece ter sido deixado de lado pelos cristãos modernos. Alguns acham que isso não é relevante para os cristãos atuais. Outros já acham que suas tradições já oferecem respostas satisfatórias.

Diante disso, é bom termos pelo menos um breve conhecimento sobre a Ceia, e aqui, iremos apresentar de forma sucinta duas vertentes das mais praticadas nas igrejas brasileiras atuais, a memorialismo, vista com mais frequência nas igrejas batistas, e a presença real espiritual, que é comum as igrejas presbiterianas do Brasil.

## **1. O QUE SIGNIFICA EUCARISTIA?**

### **1.1. Uma análise teológica**

Essa palavra vem do grego, que significa “dar graças” ou “ação de graças”. Esse nome foi dado no começo da patrística a Ceia do Senhor. O termo surgiu de ação de graças dada por Jesus no momento da celebração da última Ceia. Essa ceia

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia pela Escola de Ensino Superior FABRA, Serra, Espírito Santo. E-mail: admedeiro@gmail.com

foi um jantar na semana pascal que Jesus deu aos seus discípulos (FERGUSON, 2009, p. 400).

Há também outros nomes encontrados na Bíblia além destes citados acima, como, “mesa do Senhor”, usado pelo apóstolo Paulo em 1Co 10.21, numa referência aos sacrifícios a ídolos que os coríntios faziam. E também “o partir o pão”, utilizada em Atos 2.42 (BERKHOF, 2012, p. 597). Todos esses nomes se referem a Ceia do Senhor, instituída por Jesus antes de ser crucificado.

Vale notar, que a Ceia foi instituída no lugar da tradicional páscoa do Antigo Testamento, num movimento bem natural conduzido por Jesus, utilizando o pão e o vinho como novos elementos (BERKHOF, 2012, p. 598). O evangelista Mateus, no capítulo 26 versículos 26 ao 29, descreve da seguinte maneira esse momento:

Enquanto comiam, tomou Jesus um pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo. A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados. E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai.

A Ceia então é, a páscoa dos cristãos. A refeição de comunhão que havia no Antigo Testamento, teve uma mudança no Novo Testamento.

Porém, há algumas interpretações diferentes sobre as palavras de Jesus na ceia, “isto é o meu corpo”. Como se interpretar essas palavras? De modo literal? Simbólico? Como Cristo está presente na Ceia? No período da reforma protestante, houve três interpretações protestantes que são as mais discutidas até a presente data.

Lutero defendia que as palavras deveriam ser interpretadas de maneira literal, ou seja, que Cristo estava presente nos elementos da Ceia, ficou conhecida como Consubstanciação. Cristo não se tornava os elementos, mas estava presente com os elementos (GRUDEM, 2010, p. 840). Zwinglio entendia que as palavras deveriam ser entendidas de maneiras simbólicas, a ceia seria apenas um memorial, nada mais (MCGRATH, 2005, p. 595). E uma terceira interpretação, que as igrejas de tradição reformada seguem, é a de Calvino, que defendia uma presença real espiritual na Ceia do Senhor (BERKHOF, 2012, p. 603).

## 1.2. Uma análise histórica

Não houve grandes debates ou controvérsias sobre a eucaristia nos primeiros oitocentos anos da igreja. Agostinho de Hipona e Orígenes, por exemplo pareciam ter tido uma interpretação mais figurativa da presença de Jesus nos elementos da Ceia. Enquanto Gregório de Nissa e Cirilo de Alexandria, pareciam usar uma linguagem mais literal (BERKHOF, 2012, p. 596).

E também poucos pais da igreja tentaram explicar isso mais a fundo. Sobre isso, Mathison diz:

Para dificultar um pouco mais as coisas, poucos pais da igreja tentaram apresentar qualquer tipo de explicação doutrinária de sua linguagem, e, embora alguns historiadores tenham tentado classificar as opiniões dos pais da igreja como “realistas” ou “simbólicas”, esses termos são simplesmente inadequados para fazer jus à natureza do corpus patristico sobre o sacramento (Teologia da Reforma, 2017, p. 510).

Apesar de ser uma discussão importante nos primeiros séculos da igreja, isso não gerou grandes embates entre as diferentes interpretações. Porém, no século IX surgiu dois grandes nomes na discussão sobre a Ceia no mosteiro de Corbie. Paschaius Radbertus e Ratramnus, ambos monges do mosteiro de Corbie (MCGRATH, 2005, p. 590).

Radbertus e Ratramus escreveram uma obra que os títulos eram idênticos, “Do corpo e do sangue de Cristo”, apresentava visões distintas dos autores (MCGRATH, 2005, p. 590). Enquanto Radbertus defendia que o pão e o vinho se tornavam o mesmo corpo e sangue de Cristo, que depois seria aceita pela Igreja Católica, Ratramus defendia que o corpo e o sangue são espirituais, ou seja, diferente do corpo nascido da virgem Maria. A posição de Radbertus foi a que prevaleceu pelos próximos séculos (BARRETT, 2017, p. 511).

No século XI, irrompe uma nova e calorosa discussão sobre a presença de Jesus nos elementos, entre Berenger de Tours e Lanfranc. Berenger afirmou que o pão e o vinho eram substancialmente transformados no corpo e sangue de Jesus. Pedro Lombardo, teólogo do século XII, manteve essa mesma tradição (BARRETT, 2017, p. 512).

Essa posição foi aceita pela Igreja católica no concílio de Latrão, em 1215 (BERKHOF, 2012, p. 596). Foi Tomás de Aquino que deu corpo a essa doutrina,

usando categorias aristotélicas, com isso, deu mais profundidade ao tema, sendo até os dias de hoje, a doutrina da Igreja Católica Romana (BARRETT, 2017, p. 513).

Porém, nem todos cristãos medievais estavam de acordo com essa doutrina. John Wiclyffe, por exemplo, argumentou em seu tratado “Sobre a Eucaristia” que as palavras de Cristo deveriam ser entendidas de maneiras figuradas. Ele disse que não comemos fisicamente o corpo de Cristo, mas nossa alma se alimenta de Cristo pela fé. Essa posição foi condenada no concílio de Constança, em 1415 (BARRETT, 2017, p. 513). Essa interpretação seria usada pelos reformadores mais à frente.

## **2. PRESENÇA REAL ESPIRITUAL**

João Calvino, teólogo da reforma, negava uma presença física na Ceia, onde os elementos transformavam-se no próprio corpo e sangue de Cristo. Muito pelo contrário, Cristo estava presente na Ceia de forma espiritual, pela fé do crente. Ele acreditava que não era apenas algo supernatural, mas algo miraculoso acontecia na Ceia, de uma forma que todos que participavam com fé, eram alimentados pelo corpo e sangue de Cristo (HODGE, 2001, p. 1484).

Sobre a interpretação de Calvino, Berkhof diz:

“Ele crê que Cristo, embora não corporal nem localmente presente na Ceia, está, contudo, presente, e é desfrutado em Sua pessoa completa, corpo e sangue. Ele dá ênfase à união mística dos crentes com a pessoa completa do Redentor. Sua apresentação do assunto não é inteiramente clara, mas ele parece querer dizer que o corpo e o sangue de Cristo, embora ausentes e localmente presentes só no céu, comunicam uma influência vivificante ao crente, quando ele está no ato de receber os elementos. Essa influência, apesar de real, não é física, mas, sim, espiritual e mística, é mediada pelo Espírito Santo e está condicionada ao ato de fé pelo qual o comungante recebe simbolicamente o corpo e o sangue de Cristo” (2012, p. 603).

O teólogo Millard Erickson parece concordar com as palavras de Berkhof, ao dizer que:

“Existe, portanto, um genuíno benefício objetivo do sacramento. Isso não é gerado pelo participante; antes, é trazido para o sacramento pessoalmente por Cristo. Ao tomar os elementos, o participante de fato recebe de novo, e de modo contínuo, a vitalidade de Cristo. Esse benefício, porém, não deve ser considerado automático. O efeito do sacramento depende em grande parte da fé e da receptividade do participante” (1997, p. 470).

Participamos da Ceia com Cristo presente a mesa, distribuindo os elementos e alimentando espiritualmente os crentes que, pela fé, são nutridos pelo Salvador. Cristo está presente por meio de nossa fé nele (GRUDEM, 2010, p. 841)

A confissão de fé de Westminster, no capítulo 29, artigo 7, diz:

Comungantes dignos, que participam exteriormente dos elementos visíveis deste sacramento, também recebem intimamente, pela fé, real e verdadeiramente, a Cristo crucificado e todos os benefícios da sua morte, e nele se alimentam, não carnal ou corporalmente, mas espiritualmente; não estando o corpo e o sangue de Cristo corporal ou carnalmente no pão e no vinho, nem com eles ou sob eles, mas espiritual e realmente presentes à fé dos crentes nessa ordenança, como estão os próprios elementos presentes a seus sentidos exteriores (VARIOS, 2008, p. 221).

Essa confissão de fé é utilizada pelas igrejas presbiterianas do Brasil, sendo assim, conhecidas como igrejas que proclamam o Cristo crucificado como alimento espiritual aos crentes que nele crê.

### **3. UM MEMORIAL**

Essa interpretação é mais atribuída ao reformador Zwinglio, para ele, a ceia é um memorial do sofrimento de Cristo. McGrath diz que assim como um homem que vai viajar para longe deixa um anel para que sua esposa lembre-se dele até que volte, Cristo também deixou um símbolo para que se lembre dele até sua volta (MCGRATH, 2005, p. 595). Por essa analogia, percebe-se o sentido que Zwinglio dava as palavras de Jesus na ceia, “isto é o meu corpo”. Para ele então, essas palavras deveriam ser tomadas no sentido figurado, e não literal.

Zwinglio argumentou com base no texto do evangelho de João capítulo 6. Barret explica isso nessas palavras:

“Jesus apresenta-se lá como o “pão da vida” e distingue “alimento espiritual” do alimento corporal. As palavras de Cristo nessa passagem, portanto, indicam claramente que, quando ele explica aos que o escutam a necessidade de “comer sua carne”, está de fato falando da necessidade da fé. Comer Cristo é crer nele.” (BARRETT, 2017, p. 515)

Parece que sua interpretação levava a um simbolismo ou memorialismo da ceia, não havia nenhum tipo de bênção ou presença de Cristo no momento de comunhão. Talvez, seu combate contra o misticismo da época o levou a ter essa postura mais radical. Zwinglio chegou a negar que a Ceia fosse um meio de graça, isto é, uma forma de o cristão ser alimentado espiritualmente com os elementos, sendo apenas um memorial. Entretanto, mais tarde, ele viria a concordar com os

reformadores sobre a presença espiritual de Cristo na Ceia (FERGUSON, 2009, p. 402).

Apesar de alguns de seus escritos ter algumas afirmações mais profundas da Ceia do Senhor, essa interpretação foi atribuída a ele, por mais que ele tenha mudado de opinião mais tarde (BERKHOF, 2012, p. 603).

Essa é uma das interpretações mais defendidas pelas igrejas brasileiras, a declaração de fé batista, no capítulo IX diz:

“A ceia do Senhor é uma cerimônia da igreja reunida, comemorativa e proclamadora da morte do Senhor Jesus Cristo, simbolizada por meio dos elementos utilizados: O pão e o vinho. Nesse memorial o pão representa seu corpo dado por nós no Calvário e o vinho simboliza o seu sangue derramado” (Portal Batista, 2019).

Os batistas brasileiros usam uma linguagem mais memorialista em sua declaração, apontando para a simbologia do rito, e sem nenhuma referência a Cristo crucificado como alimento espiritual dos crentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos concluir então, que buscar uma compressão correta da Ceia do Senhor é de extrema importância para a igreja hoje, e não apenas uma discussão que ficou no passado. Conhecer a importância dos sacramentos para a igreja local e suas implicações é uma tarefa de todo aquele que professa conhecer Jesus e seguir os seus ensinamentos.

Para Calvino, esse tema é de suma importância para a igreja, sendo uma de suas marcas como evidência de sua veracidade como igreja de Deus, ele disse:

Nós, pelo contrário, asseveramos que a Igreja pode existir sem nenhuma forma aparente e não se constitua apenas na aparência esplendorosa, à qual admiram de modo estulto, mas noutra completamente diversa, a saber, na pura pregação da Palavra de Deus e na administração legítima dos sacramentos. (As Institutas da Religião Cristã, Tomo 1, 2008, p. 27)

Calvino entende que uma das marcas de uma igreja verdadeira é a administração ou aplicação correta da Ceia e do Batismo. Podemos aprofundar essa afirmação um pouco mais, dizendo que, se uma igreja que se auto intitula cristã, tendo os meios para aplicar a Ceia aos seus membros não faz, e quando faz o faz de maneira incorreta, essa igreja não deve ser chamada de igreja cristã.

Podemos finalizar com uma citação da Confissão de Augsburg, compilada pela mente brilhante de Philipp Melancthon, datada de 1530, diz no seu sétimo artigo:

Ensina-se também que sempre haverá e permanecerá uma única santa igreja cristã, que é a congregação de todos os crentes, entre os quais o evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho. Porque para a verdadeira unidade da igreja cristã é suficiente que o evangelho seja pregado unanimemente de acordo com a reta compreensão dele e os sacramentos sejam administrados em conformidade com a palavra de Deus. (1993, p. 13)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETT, M. **Teologia da Reforma**. 1º. ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- BERKHOF, L. **Teologia Sistemática**. 4º. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- BIBLÍA, A. **Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil**. 2º. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- CALVINO, J. **As Institutas da Religião Cristã, Tomo 1**. 1559. ed. São Paulo: UNESP, v. 1 e 2, 2008.
- ERCIKSON, M. J. **Introdução a Teologia Sistemática**. 1º. ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- FERGUSON, S. B. **Novo Dicionário de Teologia**. 1º. ed. São Paulo: Hagnos, 2009.
- GRUDEM, W. **Teologia Sistemática**. 2º. ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- HODGE, C. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2001.
- MCGRATH, A. E. **Teologia Sistemática, Histórica e filosófica: uma introdução a teologia cristã**. 1º. ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- VARIOS. **A Confissão de Augsburg**. 4º. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1993.
- VARIOS. **A Confissão de Fé de Westminster**. 17º. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- VARIOS. Portal Batista. **Portal Batista**, 2019. Disponível em: <[http://www.batistas.com/portal-artigo/index.php?option=com\\_content&view=article&id=15&Itemid=15&showall=1](http://www.batistas.com/portal-artigo/index.php?option=com_content&view=article&id=15&Itemid=15&showall=1)>. Acesso em: 24 Maio 2019.